



LHM

SOBRE MEMÓRIAS INDIVIDUAIS E COLETIVAS ESPANHOLAS E ARGENTINAS – MULHERES EM ALDECOA E LEAL

Leticia Zago de Oliveira* ¹

* Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste)

e-mail: leticiazagooliveira@hotmail.com

Pedro Leites Junior* ²

* Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste)

e-mail: pedroleitesjunior@gmail.com

Resumo: O presente artigo insere-se no campo de estudo das relações entre literatura, história e memórias coletiva e individual. É proposto o estudo da representação feminina republicana e das relações entre mulheres nos romances *Historia de una maestra* (1990), *Mujeres de negro* (1994), *La Fuerza del destino* (1997), da escritora Josefina Aldecoa, e *Mulheres que mordem* (2015), de Beatriz Leal, obras da literatura espanhola e latino-americana que tematizam a Guerra Civil Espanhola, a Segunda Guerra Mundial e o período ditatorial tanto na Espanha quanto na Argentina, a partir de um protagonismo feminino. O Corpus literário é abordado com base em reflexões teóricas que partem do conceito de memória; trata-se de pensar como as rememorações das personagens surgem na fratura do discurso histórico e como influenciam no transcorrer dos romances. Assim, pretende-se refletir de forma crítica e analítica sobre tais narrativas, junto de argumentações embasadas em autores que trabalham nos campos da memória e da história, tais como Le Goff (2003), Halbwachs (1990), dentre outros. O trabalho tem o intuito de contribuir para as discussões sobre a memória coletiva e individual e a resistência feminina em contextos de opressão social espanhol e argentino, em especial durante o contexto da guerra e pós-guerra.

Palavras-chave: Memória. Representação feminina. História.

On Individual Memories and Spanish and Argentinian Collectives - Women in Aldecoa and Leal

Abstract: This article is part of the studies of the relations between literature, history and collective and individual memories. It is proposed to study the republican female representations and the relations between women in the titles *Historia de una maestra* (1990), *Mujeres de Negro* (1994) and *La Fuerza del Destino* (1997), by Josefina Aldecoa, and *Mulheres que mordem* (2015), by Beatriz Leal, Spanish and Latin American literary work that thematize the Spanish Civil War, the World War II

1 Mestranda e bolsista CAPES em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4133617805345288>.

2 Doutor em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL). Professor do Programa de Pós-graduação em Letras - Mestrado e Doutorado - da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). Lattes <http://lattes.cnpq.br/0312276806206560>.



Individuais...

and the dictatorial period in Spain and Argentina, from a female protagonism point of view. The literary Corpus is approached based on theoretical reflections that comes from the memory concept; it is a question of thinking about how the recollections of the characters arise in the fracture of the historical discourse and how they influence the course of the novels. Thus, it is intended to reflect critically and analytically on this narratives, based in the arguments from authors who work in the related areas of memory and history, such as Le Goff (2033), Hallbwachs (1990), among others. The paper intends to contribute to discussions about collective and individual memory and female resistance in contexts of social oppression in Spain and Argentina, especially during the war and post-war.

Keywords: Memory. Female representation. History.

Introdução

O presente trabalho aborda a questão da representação feminina nos cenários históricos da ditadura espanhola, que compreende o período de 1939 a 1976, e argentina, de 1976 a 1983. Em confluência com os períodos ditatoriais argentino e espanhol, são abordadas as relações entre mulheres na trilogia *História de una maestra* (1990), *Mujeres de negro* (1994) e *La Fuerza del destino* (1997), da escritora Josefina Aldecoa, e na obra *Mulheres que mordem* (2015), da escritora Beatriz Leal, obras da literatura espanhola e latino-americana que tematizam períodos de guerra e ditadura na Espanha e na Argentina, a partir de um protagonismo feminino e de memórias de resistên

Considerando a atual importância da ficção de autoria feminina no contexto espanhol e latino-americano para a recuperação da memória histórica e para a construção de uma memória feminina republicana da guerra e do pós-guerra espanhol e em regimes ditatoriais latino-americanos, pretende-se aqui verificar como essas memórias surgem nas fraturas do discurso da ficção literária, ao dialogarem com o discurso histórico. Nesse sentido, busca-se compreender como se dá esse diálogo, de que maneira se constitui nas obras de Aldecoa e Leal a representação feminina e a forma como se dá a recuperação da memória histórica feminina no período das ditaduras Argentina e Espanhola, abordadas nestas obras.

A temática da memória vem sendo muito discutida nos últimos anos. A escritora Andrea Pagni (2006) discorre que esse debate vem a se promover em meados de 1980. Na Espanha, a temática começa a ser reconhecida e ganha notoriedade por volta de 1990, quando se expande o discurso teórico e histórico em torno do assunto sobre memória da ditadura franquista e de seu esquecimento a partir do seu período político de transição.



Quando se fala em memórias de resistência, o debate se torna muito mais intenso, pois as escritoras em questão trazem a rememoração aliada a traumas históricos de apagamento, operados – entre outros determinantes que com esses compõem dinâmicas de opressão – por questões de gênero.

A memória em *Mulheres que mordem*

O romance *Mulheres que mordem*, da escritora brasileira Beatriz Leal, foi publicado no ano de 2015 e finalista da 58ª edição do Prêmio Jabuti, em 2016. A partir desse acontecimento, ao ser finalista, ela passou a ter maior visibilidade como escritora. Concomitantemente, no ano de 2016, completavam-se quarenta anos do último golpe militar na Argentina, que ocorreu em 1976.

A obra, que é centralizada na ditadura argentina, retrata alguns fatos acontecidos durante esse momento histórico, que ocorreu entre 1976 e 1983, contendo uma visão e voz femininas. Nas entrelinhas do romance, pode-se notar várias denúncias relacionadas àquele período, principalmente no que diz respeito às mulheres.

Quando conheceu Elena, Ramiro se apaixonou. Quando conheceu Ramiro, Elena também se apaixonou. Não por ele, mas por ela novamente, pela forma como ele a enxergava por trás dos olhos castanhos. Elena se apaixonou também pela ideia de poder ser amada pelo resto de sua vida por alguém que satisfizesse as expectativas de sua mãe, de sua avó e das vizinhas. Ramiro impressionava e isso bastava para o coração ameno de Elena. Ela só teria que aprender a conviver com a disciplina, que já tinha contaminado os passos de Ramiro. Para lidar com isso, Elena começou a contar (LEAL, 2015, p. 7-8).

Nesse trecho se observa a descrição de quando Elena e Ramiro se conheceram, que mais tarde viriam a se casar. A narradora traz, primeiramente, uma exposição dos fatos centrada no relacionamento amoroso. Porém, no decorrer do trecho, essa dinâmica passa a ser permeada por algumas críticas, como por exemplo a questão de encontrar um marido *ideal* perante a sociedade: em “Elena se apaixonou também pela ideia de poder ser amada pelo resto de sua vida” há um deslocamento da materialidade do sujeito - Ramiro - para uma abstração constituída por um ideário sociocultural bastante arraigado a convenções sociais de uma estrutura patriarcal.



Individuais...

O romance é concentrado em quatro personagens femininas, uma neta adotada, nominada de Laura, uma mãe torturada, com nome de Clara, uma mãe adotiva, a Elena, e uma avó, Dona Rosa, exausta pela busca de sua neta.

O traço em comum das personalidades dessas mulheres é o que garante o título do romance, estrutura psicológica e os traumas inerentes e causados pelo transtorno obsessivo compulsivo do ato de morder. São mulheres que mordem. Pelo autocontrole, para terem controle do externo, para terem força de sobreviver, para continuarem vivendo, pela manutenção de seus corpos, para serem plenamente donas de suas vidas, para existirem enquanto mulheres que mordem a vida. Clara morde a própria bochecha a cada golpe de tortura recebido. Elena conta as mordidas em cada mastigada. Laura morde as escovas de dente. Quatro “mordidas”, quatro pontos de vista entrelaçados em uma narrativa densa e cheia de detalhes, que cobre de luz passagens sombrias.

O senhor torturava mulheres?

Sim.

Estuprava?

Sim, era um dos itens da lista que cumpríamos.

Você estuprava burocraticamente...

Não tinha como não estuprar quando havia mais agentes comigo. Era o que era feito, simplesmente. Não se questionava. Não tentei não fazer. Mas imagino que se eu não estuprasse junto, viraria piada no centro. Seria ou bicha ou comunista (LEAL, 2015, p. 44).

Apesar de uma dimensão relativamente curta para a estrutura de romance, vale pontuar que a obra destaca-se por sua intensidade ao abordar assuntos densos como violência e apagamento. Tem-se, no trecho acima, por exemplo, uma seção de terapia com o personagem Ramiro, que na época da ditadura argentina usava de seu poder, como militar, para abusar sexualmente de mulheres presas. Observa-se que o personagem em questão rememora e retrata uma cena forte e intrigante sobre os métodos que eram usados na prisão. Há também uma menção sobre a homofobia, pois Ramiro afirma que deveria praticar tais atos sexuais com a prisioneira, pois se não os fizesse seria denominado como “bicha”, um termo pejorativo utilizado para se referir a pessoas homossexuais. Um ambiente totalmente tomado pela opressão masculina em meio a uma ditadura.

O romance, centralizado no período da ditadura Argentina, estabelece diferentes pontos de vista sobre esse período e suas consequências. A partir da perspectiva dessas



Individuais...

quatro mulheres é possível traçar um percurso histórico para refletir sobre os vínculos da literatura com a memória, especialmente coletiva, e os processos de escrita de um tempo passado, porém recente e ainda visceral.

Elena contava mordidas e passos de Ramiro para evitar pensar nas origens da própria filha. Enquanto isso, o tumor, há seis anos diagnosticado apenas no útero, se alastrava pelo resto do corpo. Era 1983 quando Elena recebeu a notícia que tinha cerca de dois anos de vida. Conheceria Laura apenas até seus oito anos de idade (LEAL, 2015, p. 27).

Na citação acima, pode-se observar uma rememoração de Elena, na qual, no referido ano recebeu a notícia de que teria pouco tempo de vida, por consequência não conseguiria acompanhar o crescimento de sua filha, que havia sido adotada há pouco tempo. Tem-se aqui uma mescla de tempos, uma escrita feita no momento do presente, mas ancorada nas memórias da personagem.

Calleja (2013) aponta para a particularidade de a memória ser extremamente criativa, pois as recordações se transformam com o passar do tempo, com a evolução social e ideológica do sujeito; ou seja, as rememorações de um fato se mesclam com outros, a memória é reajustada, e quando recordamos determinados fatos, o fazemos baseados na realidade em que estamos inseridos atualmente. Esse caráter assume importância na obra em questão e por vezes é trazido ao primeiro plano, escancarando as camadas subjetivas da construção discursiva operada a partir da rememoração. Dada subjetividade, pelas imprecisões e relativização própria da perspectiva individual, reveste o material narrado com o símbolo da incerteza: constrói-se assim a sensação de que os fatos chegam indiretamente, já interpretados ou filtrados por aquele que assume a voz e função de veículo/testemunha:

Pelo que me contaram quando passei a tomar conta do campo onde ela tava, é que ela era uma das cabeças das uniões universitárias, que escreveria e editava aqueles jornalecos da esquerda peronista estudantil, devia ser mais uma jornalista arrogante do cacete. Pelo menos eram o que contavam. Decidiram esperar os filhos dela nascerem pra que, depois de parir, a gente pudesse aplicar métodos mais rigorosos pra ela começar a falar. Ela não falava. Nunca ouvi sua voz (LEAL, 2015, p. 50).

Nesse trecho, Ramiro traz mais uma de suas memórias em uma seção de terapia. Trata-se de uma categoria de memória coletiva, pois ele relembra coisas que não foram



Individuais...

vivenciadas em si pelo personagem, mas sim algo que foi repassado a ele. Quando o personagem se refere a Clara ele usa a expressão “jornalisticinha arrogante do cacete”, denotando o conservadorismo daquela época, na qual era inaceitável tecer críticas a ditadura e as regras impostas pelo governo. Além do filtro da subjetividade, isso nos remete à noção de memória coletiva:

[...] por memória coletiva, entende-se as interações possíveis entre as políticas da memória histórica e social concebida como uma relação de forças que resulta em definições e redefinições do que é considerado como passado e heranças comuns de um dado grupo ou classe social – e as lembranças de fatos vividos em comum ou individualmente (BERND, 2013, p. 30).

Nessa abordagem, a memória coletiva situa-se nas confluências entre o coletivo e o individual, ou seja, entre a rememoração psíquica, que pertence ao ser individual em si, e a rememoração social, que depende dos que ali participaram para a formação dessa memória.

Você é a única ponte viva que eu tenho com a minha, digo, nossa Clara. Não sei se seria muito doloroso para você, mas peço que em sua próxima carta você me conte um pouco como era a vida de vocês. Talvez algum dia, quando você estiver preparado. Eu gostaria muito de montar o complexo quebra-cabeça que era a personalidade da minha filha. Eu só a conheço pelas lentes da visão de mãe [...] Mas ao mesmo tempo, ouvir sobre como ela era como mulher, como profissional, determinada, enfim, sem ser filha, me dá uma espécie de orgulho, um misto de excitação com curiosidade e idolatria (LEAL, 2015, p. 14).

No trecho acima, é apresentada uma carta de Rosa, mãe de Clara, para Roberto, que na época havia sido namorado de sua filha. Nessa carta Rosa compartilha seus sentimentos e angústias, ao indagar Roberto sobre a personalidade de sua filha, fora do ambiente familiar, a verdadeira Clara longe do olhar de Rosa.

Em particular se a memória individual pode, para confirmar algumas de suas lembranças, para precisá-las, e mesmo para cobrir algumas de suas lacunas, apoiar-se sobre a memória coletiva, deslocar-se nela, confundir-se momentaneamente com ela; nem por isso deixa de seguir seu próprio caminho, e todo esse aporte exterior é assimilado e incorporado progressivamente à sua substância (HALBWACHS, 1990, p. 53).

Segundo Halbwachs (1990), a memória coletiva envolve as memórias individuais, porém não se confunde com elas, ela evolui, e se de alguma maneira as lembranças



Individuais...

individuais penetram na coletiva, elas sofrem uma alteração e são postas em um conjunto que não é mais de consciência pessoal.

Por meio das cartas a Roberto, Rosa tenta criar uma memória individual de sua filha nos momentos em que ela não ocupava esse papel de filha, e para conseguir realizar tal ação ela se apoia nas memórias que Roberto compartilha por meio da troca de correspondências.

Um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade. Mais ainda, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou e que emprestou de seu meio (HALBWACHS, 1990, p. 54).

Exausta pela busca incessante de explicações sobre a personalidade e a vida de Clara, em uma tentativa de explicar muitas lacunas abertas em sua convivência, Rosa tenta minimizar a sua dor ancorada em lembranças. Ainda segundo Halbwachs (1990), para que a memória das demais pessoas venha de certa forma complementar a de um indivíduo em particular é necessário que essas lembranças apresentem alguma correlação com o passado desse ser.

Eu ficava olhando pra pessoa, até perceber o exato momento em que a vida saía dos olhos dela. É horrível e fascinante ao mesmo tempo. Mas só por um segundo. Depois fica apenas horrível. Aí eu chamava um cabo pra lidar com o corpo e eu ia pra algum outro rebelde gritar. Só pra gritar. Pra conseguir informações com a tortura, o torturador tem que ter, antes de tudo, força mental (LEAL, 2015, p. 30).

Ramiro compartilha aqui uma memória individual que faz relação direta e indireta com Clara, a mãe biológica de sua filha, pois uma dessas torturas/estupros cometidas por ele ocasionou a morte dela e a adoção de forma ilegal de Laura.

Em correlação o obra *Mulheres que mordem* de Beatriz Leal, na próxima seção será abordada a trilogia de Josefina Aldecoa, os conceitos de memória e a resistência feminina em um período ditatorial espanhol.

A presença das rememorações na trilogia de Aldecoa

A trilogia da escritora espanhola Josefina Aldecoa é composta por *Historia de una maestra* (1990), *Mujeres de negro* (1994) e *La Fuerza del destino* (1997). Obras essas que



Individuais...

tematizam a guerra civil espanhola, o pós-guerra e a ditadura franquista. As personagens centrais dos romances são Gabriela e Juana, que compõem a relação de mãe e filha.

Nessa trilogia são apresentadas personagens duplamente negligenciadas: por serem mulheres e por se declararem republicanas. Destacam-se, ainda, no decorrer das narrativas, personagens secundárias, como Soledad, a amante do esposo de Gabriela, Merceditas, a enteada, e Remédios, a empregada doméstica da casa.

No segundo volume da trilogia, temos a obra narrada na voz de Juana; a narrativa perpassa sua fase de criança até a vida adulta, e em alguns trechos ela faz uma caracterização de como vivia:

En mis recuerdos los tres años de la guerra se confunden. Tengo muy claro el principio, el viaje larguísimo desde la casa de la abuela a Los Valles, los cambios del tren al autobús traqueteante y mi madre tapándome los ojos para que no mirara a la carretera, fusilados la noche anterior y abandonados hasta ser localizados por sus familias (ALDECOA, 1994, p. 40).³

Neste trecho se tem a rememoração de Juana. Nota-se que ela fala sobre assuntos diferentes, como suas viagens, cenas de pessoas mortas fuziladas durante a guerra; uma espécie de rememoração vaga dos acontecimentos. Segundo Calleja (2013), além do aspecto de criatividade citado anteriormente, uma das funções essenciais da memória é permitir um tipo de recordação construtiva de nossas rememorações cada vez que recordamos, já que sempre que revivemos uma dada memória estamos sob um contexto social diferente.

Juana se confunde sobre o momento e a forma como se deram os acontecimentos, pois quando ela reconstrói as memórias, pode haver algumas discrepâncias devido ao contexto social do seu presente, ou a acontecimentos marcantes que a façam não ter total certeza sobre os fatos.

A veces se quedaba mirándome y no podía evitar comunicarme sus preocupaciones: <<cuidado con la gente que se acerca de ti. Desconfía. Tú estás marcada por tu situación. Exilada voluntaria, hija de tus padres, ten cuidado. El hecho de que vayas de México no es una recomendación. No olvides que México es un país enemigo para el gobierno... cuidado con la universidad...>> (ALDECOA, 1994, p. 141-142).⁴

3 Em minhas recordações os três anos de guerra se confundem. Tenho muito claro o início, a longa viagem da casa da avó até Los Valles, as mudanças de trem ao ônibus que chacoalhava muito e minha mãe tampando os meus olhos para que não visse a estrada, os fuzilados da noite anterior e abandonados até serem localizados por suas famílias (ALDECOA, 1994, p. 40, tradução nossa).

4 As vezes ficava me olhando e não podia evitar de compartilhar as suas preocupações:<< cuidado com as pessoas que se aproximam de você. Desconfia. Você está marcada pela sua situação, exilada voluntariamente, filha de seus pais, tenha



As rememorações de Juana normalmente estão atreladas a um determinado grupo de pessoas, no qual determinado acontecimento vai desencadeando novas rememorações. Segundo Halbwachs (1990), para rememorarmos um acontecimento, os indivíduos que participaram desse momento que está sendo rememorado não precisariam estar presentes, pois a memória dessa recordação, quando desencadeada por algum motivo, consegue se reconstruir individualmente na memória de cada um.

Na citação apresentada acima, Juana rememora um acontecimento que ocorreu entre ela e sua mãe e no qual sua filha Gabriela não estava presente. Porém, essa rememoração condiciona Gabriela a uma memória coletiva em seu âmbito individual, ou seja, Juana descreve a preocupação que sua mãe tinha para com ela, principalmente no que diz respeito as questões políticas.

Nas obras *Historia de una maestra* e *La fuerza del destino*, a personagem que dá voz à narração é Gabriela, a mãe. Entre o passado distante e o passado recente, ela intercala rememorações;

Para mí acabó la guerra aquel día de noviembre en que llamó mi hija. Yo estaba en la Hacienda. Llamó Juana. Me sobresaltó como siempre oírla, tan lejos y con tanta claridad. Habíamos hablado hacía pocos días, por eso me chocó más. Mamá me dijo. Franco acaba de morir. Haz las maletas. Te esperamos... la llamada parecía un telegrama. Juana estaba nerviosa. Todo tranquilo, sí. Todo tranquilo. Cuando colgué el teléfono me quedé inmovilizada. Había llegado el momento, se había cumplido el plazo que me había impuesto, el plazo que había impuesto, el plazo que había exigido a mi hija que respetara. El final del destierro. El regreso y también la despedida de México, de la mitad de mi vida (ALDECOA, 1997, p. 11).⁵

Nesse trecho a personagem retrata como foi o momento em que recebeu a notícia de que o ditador Franco tinha falecido, e conseqüentemente, que a ditadura espanhola teria se findado e ela, enfim, com seus 71 anos, poderia voltar a morar na Espanha, já que estava exilada na Cidade do México.

cuidado. O fato de você ser do México não é uma recomendação. Não esqueça que o México é um país inimigo para o governo... cuidado com a universidade...>> (ALDECOA, 1994, p. 141 - 142, tradução nossa).

⁵ Para mim acabou a guerra aquele dia de novembro em que ligou minha filha. Eu estava na fazenda. Ligou Juana. Me animou como sempre ouvi-la, tão longe e com tanta claridade, havíamos conversado a poucos dias, por isso fiquei surpresa. Mamãe, me disse. Franco acaba de morrer. Faz as malas. Te esperamos... a chamada parecia uma carta. Juana estava nervosa. Tudo tranquilo, sim. Tudo tranquilo. Quando desliguei o telefone fiquei imobilizada. Havia chegado o momento. Se havia cumprido o prazo que me havia imposto, o prazo que havia imposto, o prazo que havia exigido a minha filha que respeitasse. O final do exílio. A volta e também a despedida do México, da metade da minha vida. (ALDECOA, 1997, p. 11, tradução nossa)



Individuais...

Segundo Santiago (2013), nenhuma pessoa se lembra de tudo a todo instante, a cada momento se recuperam do passado memórias que são necessárias para solucionar um problema ou algum aspecto do dia a dia. As “histórias” que Gabriela contava da vida de ambas nada mais são do que rememorações, pois qualquer história ou fato contado tem vínculo direto com o conceito de memória.

Depois de tantos anos vivendo em meio à ditadura, chega o dia muito esperado para várias pessoas, o dia das eleições na Espanha. Gabriela descreve seus sentimentos naquele dia:

He ido a votar sola. Sabía que era un acto emocionante para mí y no quería testigos cercanos. Comprobé que llevaba el documento de identidad: Gabriela González Pardo, nacida en 1904. Al introducir la papeleta en la urna supe que recobraba la libertad perdida. Junio de 1977, pensé, impulsada por la fascinación de las fechas (ALDECOA, 1997, p. 64).⁶

A rememoração de Gabriela do dia em que exerceu seu direito ao voto pode ser classificada como uma memória de lugar simbólico; ou seja, Gabriela não rememora o lugar material onde estava, mas sim o lugar que estava ocupando na sociedade ao realizar aquele ato de democracia. Bernd (2013) afirma que a memória se enraíza no concreto, no espaço, nos gestos e nas imagens, servindo de elemento para a construção identitária, os lugares de memória são as marcas, os restos.

Para mí, por ejemplo está muy claro el día que di por terminada la carrera. Yo acababa de cumplir diecinueve años. Era un día de octubre de 1923. Lloviznaba. Desde muy temprano había contemplado por la ventana los árboles del parque cubiertos de una gasa tenue y abajo, al final de la ladera, un pozo de luz lechosa, como una nube o un ovillo de hilos enredados que flotaba sobre el suelo (ALDECOA, 1990, p. 06).⁷

Segundo Bernd (2013), a memória como processo não é uma espécie de objetivo a ser atingido ou alcançado, mas sim uma estrutura que se persegue e se atinge de forma

6 Fui votar sozinha. Sabia que era um ato emocionante para mim e não queria testemunhas perto. Comprovei que levava o documento de identidade: Gabriela González Pardo, nascida em 1904. Ao colocar o papel na urna eu sabia que estava recuperando minha liberdade perdida. Junho de 1997, pensei, impulsionada pela fascinação das datas. (ALDECOA, 1997, p. 64, tradução nossa)

7 Para mim, por exemplo, é muito claro o dia em que terminei a licenciatura. Eu acabava de completar dezenove anos. Era um dia de outubro de 1923. Chuviscava. Desde muito cedo olhei pela janela as árvores do parque cobertas por uma gaze macia e abaixo, no fundo da encosta, uma poça de luz leitosa, como uma nuvem ou uma bola de fios emaranhados que flutuava acima do chão (ALDECOA, 1990, p. 06, tradução nossa).



Individuais...

fragmentada. Esse trecho é um dos primeiros que se encontra no primeiro livro da trilogia, já dando a entender que as lembranças seriam um fio condutor da narrativa nessas obras.

Estaba sentada en un banco de la plaza cuando el coche de línea se detuvo y de él bajamos los tres viajeros que quedamos para el final: un viajante de comercio con un maletín viejo y una capa sucia; un tratante de ganados con pelliza, faja y boina, y yo, con mi maleta de latón, la misma que mi padre había usado en sus escasos viajes. La que le acompaño en la guerra de Filipinas, en la de Cuba y en una excursión que hizo a Madrid a arreglar los papeles para trabajar en la oficina del ferrocarril (ALDECOA, 1990, p. 09).⁸

Aqui se tem Gabriela em sua mocidade, lembrando um momento como qualquer outro, porém apresenta memórias riquíssimas em detalhes, como quando cita a bolsa de viagem de seu pai, que ela usava naquele dia, recorda que uma das poucas viagens em que foi usada, foi na guerra de Filipinas.

Segundo Halbwachs (1990), existem duas maneiras das lembranças se organizarem: poderiam se concentrar ao redor de uma pessoa em específico ou distribuir-se em volta de uma sociedade, seja ela qual for, donde se deduz a distinção entre memórias individuais e coletivas antes referida. No trecho acima, Gabriela se apoia em um fato/memória não vivido por ela, que é o fato da bolsa de viagens ter sido usada por seu pai em uma determinada viagem que possui todo um peso histórico de guerra para ele e que indiretamente lhe afeta, pois essa memória acabou sendo compartilhada com a personagem, mas não diretamente vivenciada por ela, desencadeando assim uma memória coletiva sobre esse fato para as pessoas que assim lhe interessam.

[...] la memoria sirve, por tanto para organizar nuestros conocimientos sobre el mundo (memoria de eventos) y sobre nosotros mismos (memoria autobiográfica, de autodefinición) con vista a ejecutar una acción. La memoria encubre en su seno diversas operaciones intelectuales cuya finalidad y funcionamiento no resultan idénticos: pueden consistir en recrear experiencias, pero también en asumir conocimientos impersonales (por ejemplo, los textos que conocemos de memoria), hechos del pasado o un recuerdo de la vida personal (CALLEJA, 2013, p. 23).⁹

⁸ Estava sentada em um banco da praça quando um carro de linha parou e os três viajantes que ficaram para o final desceram dela: um caixeiro-viajante com uma pasta velha e uma capa suja; um negociante de gado de paletó, faixa e boina, e eu, com minha mala de lata, a mesma que meu pai usava em suas poucas viagens. A que o acompanhou na guerra das Filipinas, na guerra de Cuba e numa viagem que fez a Madrid para acertar os papéis para trabalhar na estação ferroviária (ALDECOA, 1990, p. 09, tradução nossa).

⁹ [...] a memória serve, portanto, para organizar nosso conhecimento sobre o mundo (memória dos acontecimentos) e sobre nós mesmos (memória autobiográfica, de autodefinição) com vistas à realização de uma ação. A memória encerra em si várias operações intelectuais cuja finalidade e funcionamento não são idênticos: podem consistir em recriar experiências,



A memória é extremamente criativa, pois as recordações se transformam com o passar do tempo com a evolução social e ideológica do sujeito, ou seja, as rememorações de um fato se mesclam com outros, a memória é reajustada, e quando recordamos determinados fatos, o fazemos baseados na realidade em que estamos inseridos atualmente.

No decorrer do segundo volume da trilogia, pode-se observar que Juana tinha uma espécie de medo de que suas recordações mais especiais se perdessem pelo caminho com o passar dos anos e por isso sempre recorria a sua mãe quando isso lhe afligia. Do ponto de vista da menina, parece que quanto mais ela adquiria memórias novas, mais propensa a esquecer das antigas estaria, como pode ser observado em seu relato abaixo:

A veces tenía miedo de perder el pasado. Por eso le pedía a mi madre que me hablara de las cosas que yo recordaba y temía olvidar y de las que nunca había sabido. Soñaba con la abuela. Los sueños se desarrollaban siempre en el mismo escenario: la casa del Pueblo. Veladamente le reprochaba a mi madre la venta de aquella casa, << ¿se un día volvemos, adónde iremos?>>, le preguntaba. Y ella me decía: <<El mundo es patria... no te aferes a las patrias pequeñas.>> Pero yo lo necesitaba. Trasplantada bruscamente a otra tierra necesitaba esa primera sustancia, ese alimento primero para completar el ciclo de mi crecimiento (ALDECOA, 1994, p. 80-81).¹⁰

Calleja (2013) afirma que os sujeitos podem elaborar suas memórias por meio do relato de outro sujeito que já observou ou viveu algum fato e o transmitiu em forma de diálogo. É o caso do trecho acima. A cada vez que Juana recorre a sua mãe para que lhe conte um episódio da vida de ambas, ela escuta o relato da memória individual de sua mãe e assim forma a sua própria rememoração individual. Contudo, se considerarmos o contexto de rememoração de ambas, tomadas como co-partícipes da ação criativa da rememoração, temos como resultado a memória coletiva à qual as duas estão se remetendo.

Bernd (2013) discorre que a memória é um esforço de nossa mente para recuperar elementos do passado que ficaram marcados em nossa lembrança, e assim pode-se dizer que a memória é, antes de tudo, particular/coletiva, ou seja, as lembranças pertencem ao

mas também em assumir conhecimentos impessoais (por exemplo, textos que sabemos de cor), acontecimentos do passado ou uma memória de vida pessoal (CALLEJA, 2013, p.23, tradução nossa).

10 Às vezes eu tinha medo de perder o passado. É por isso que eu pedia à minha mãe que me contasse sobre as coisas que eu lembrava e temia esquecer e nunca soube. Sonhei com a vovó. Os sonhos aconteciam sempre no mesmo cenário: a casa do Povo. Repreendi veladamente minha mãe por ter vendido aquela casa, << se voltarmos um dia, para onde iremos?>>, perguntei a ela. E ela me disse: <<O mundo é pátria... não se prenda a pátrias pequenas.>> Mas eu precisava. Transplantado abruptamente para outra terra, precisei daquela primeira substância, daquele primeiro alimento para completar o ciclo do meu crescimento (ALDECOA, 1994, p. 80-81, tradução nossa).



Individuais...

indivíduo que está rememorando, porém, pode ser atribuída a outros e assim enquadrar-se como coletiva. Nesse sentido, é possível extrapolar dada dinâmica em direção à percepção de uma ambivalência da memória, que se contrói na soma de planos individuais e se espalha como constructo coletivo.

Considerações Finais

O estudo comparativo entre os romances *Historia de una maestra*, *Mujeres de negro* e *La fuerza del destino*, tomados aqui em sua unidade como uma trilogia, e a obra *Mulheres que mordem*, de Beatriz Leal, em relação à temática da memória, mostra que os romances possuem como principais características as rememorações de suas personagens protagonistas.

A trilogia tem as suas obras narradas por Juana e Gabriela; o primeiro e o último volume são pela voz e perspectiva de Gabriela, já o segundo é perpassado pela perspectiva da filha, Juana. As rememorações percorrem desde a juventude de Gabriela, os momentos de guerra civil espanhola e ditadura franquista da juventude de Juana, até a velhice e morte de Gabriela.

Já a obra de Beatriz Leal, *Mulheres que mordem*, rememora a busca contínua de uma avó por sua neta, durante os anos da ditadura argentina, neta esta que vinha a ser filha biológica de Clara, que foi assassinada em uma das pressões argentinas pelo seu pai adotivo, Ramiro. As rememorações desta obra perpassam o período da Segunda Guerra Mundial, da ditadura argentina e da vida que Elena, a neta perdida e seu pai Ramiro, estavam vivendo no Brasil, mais de 20 anos após.

As obras trafegam entre os conceitos da abordagem de memória coletiva e individual, nas quais resgatam as rememorações das personagens no período ditatorial da Argentina e da Espanha, tendo um viés de resgate do papel da mulher na história.

Ambas as autoras, tanto Beatriz Leal, quanto Josefina Aldecoa, trazem no decorrer das suas obras denúncias de apagamento histórico das mulheres. Apagamento esse que tentam resgatar pelas memórias das personagens, que ressaltam suas importâncias ao longo dessas obras.



Referências

ALDECOA, Josefina R. **Historia de una maestra**. Madrid: Anagrama, 1990

ALDECOA, Josefina. R. **La fuerza del destino**. Madrid: Anagrama, 1997.

ALDECOA, Josefina. R. **Mujeres de negro**. Madrid: Anagrama, 2000 [1994].

BERND, Zila. **Por uma estética dos vestígios memoriais: releitura da literatura contemporânea das Américas a partir dos rastros**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990. Disponível em >
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4005834/mod_resource/content/1/48811146-Maurice-Halbwachs-A-Memoria-Coletiva.pdf. Acesso em: 13 de junho de 2023.

LE GOFF, Jacques. (2003). **História e memória**. Campinas: UNICAMP.

LEAL, Beatriz. **Mulheres que mordem**. Rio de Janeiro: Motor: Ímã editorial, 2015

LUENGO, Ana. (2004). **La encrucijada de la memoria. La memoria colectiva de la Guerra Civil Española en la novela contemporánea**. Berlin: Tranvia.

RAGO, Margareth. **Mujeres libres: Anarco-feminismo e subjetividade na revolução espanhola**. verve, p. 132-152, 2005.

SANTIAGO, Pedro. et al. Por 9.es/wp-content/uploads/2016/06/**El-papel-de-la-mujer-en-la-Guerra-Civil-española**.pdf. Acesso em: 12 de agosto de 2021.

